

A mediação: a comunicação em processo?*

Jean Davallon

Universidade de Avignon e da Região de Vaucluse
Laboratório Cultura & Comunicação

* Publicação original em língua francesa: (2003) La médiation : la communication en procès ?, Médiations & Médiateurs, 19. Tradução: M^ª Rosário Saraiva; revisão: M^ª Rosário Saraiva e Helena Santos.

Resumo

Face à generalização do uso do termo “mediação” pelos investigadores das ciências da informação e da comunicação, o autor parte para uma análise do uso do termo em diversos escritos como revelador de uma nova forma de pensar a comunicação: com efeito, ao lado das definições tradicionais da comunicação como transmissão de informação ou como interação social, perfila-se uma terceira, centrada numa consideração da sua dimensão propriamente simbólica.

Palavras-chave:

Comunicação, mediação, mediação cultural

Abstract

En partant du constat de la généralisation de l'utilisation du terme « médiation » par les chercheurs en sciences de l'information et de la communication, l'auteur analyse l'usage du terme en différents ouvrages en tant que révélateur d'une nouvelle forme de penser la communication : en effet, à côté des définitions traditionnelles de la communication comme transmission de l'information ou comme interaction sociale, se profile une troisième, centrée sur une considération de sa dimension proprement symbolique.

Key-words:

Communication, médiation, médiation culturelle

Ao longo dos últimos dez anos, a noção de "mediação" conheceu um sucesso sem precedentes. Algumas destas utilizações estão, com toda a evidência, bastante distantes de uma qualquer reflexão sobre o estatuto científico do termo. Quando se fala do mediador da República, ou ainda da organização da mediação jurídica, o que há em comum com a mediação cultural, por exemplo? As primeiras são instâncias de regulação social entre pessoas em conflito ou que têm interesses divergentes – as instâncias em posição de terceiro que são ao mesmo tempo neutras e dotadas de uma autoridade e cuja acção consiste em tornar possível uma compreensão entre os actores na esperança de lhes permitir sair de uma situação de conflito. Nada disto se passa na mediação cultural. Nenhuma situação de conflito, apenas uma falta, um desvio. Quanto à existência de um terceiro, que é geralmente sentido como um dos dados constitutivos da mediação, será ela suficiente para permitir definir esta última?

Detenhamo-nos na mediação cultural. Pode ser definida, sem dúvida, a nível funcional: visa fazer aceder um público a obras (ou saberes) e a sua acção consiste em construir um interface entre esses dois universos estranhos um ao outro (o do público e o, digamos, do objecto cultural) com o fim precisamente de permitir uma apropriação do segundo pelo primeiro. Mas, na prática, ela não deixa de cobrir coisas tão diversas como a prática profissional dos mediadores (de museu ou de património, por exemplo); uma forma de acção cultural por oposição à animação cultural; a construção de uma relação com a arte; produtos destinados a apresentar ou a explicar a arte ao público; etc. Podemos vê-lo, logo que ela é contextualizada, logo que ela está situada, a definição que parecia poder fazer consenso explode para designar realidades muito diferentes. Uma tal heterogeneidade arrasta qualquer sonhador; é por isso que, confesso ter ficado muito tempo duvidoso – para não dizer francamente desconfiado – face a uma noção que oferece a facilidade de etiquetar fenómenos, acções ou coisas, mas apresenta o inconveniente de se furtar logo que decidimos defini-la enquanto conceito operativo – ou seja, no fundo, permitir etiquetar sem dar a possibilidade, nem de descrever, nem de definir. De onde vem o seu sucesso actual nas ciências da informação e a comunicação? Quais podem ser a sua utilidade e o seu interesse científico? Podemos seguramente ver aí efeitos de arrastamento ou de moda, parcialmente em ligação com o desenvolvimento do uso do termo na sociedade; poderemos pelo contrário procurar avaliar ou fundamentar o conceito.

A abordagem que adoptarei aqui será muito mais próxima das questões que se colocam concretamente ao investigador quando é confrontado com o facto de utilizar ou de não utilizar esta noção. O meu ponto de partida será a decisão que tomei de recorrer a este

termo para designar a operação simbólica de instauração de uma relação entre o mundo do visitante e o mundo da ciência pela / através da exposição de ciência (Davallon, 1988, citado de acordo com 1999a: 75 nota 52); acompanhada, num segundo tempo, da decisão de alargar o seu emprego à dimensão simbólica do funcionamento mediático da exposição (Davallon, 1999a: Introdução; 2002 ¹). Mas, como o meu objectivo não é de forma alguma uma defesa e ilustração desta decisão, começarei por examinar as utilizações actualmente feitas desta noção nas publicações em ciências da informação e da comunicação. O repto é, com efeito, tentar apreender, para além da simples questão do quadro teórico que fundamenta a sua pertinência e a sua validade, o que me parece ser a emergência de uma nova concepção dos factos de comunicação.

O RECURSO À MEDIAÇÃO

O exame de um conjunto de textos de ciências da informação e da comunicação permite distinguir três tipos de utilização do termo mediação², consoante os autores lhe fazem referência de maneira incidente; o utilizam como conceito operatório; ou lhe consagram uma parte da sua obra e visam dar-lhe uma definição.

O uso comum, uma primeira utilização

Neste uso, o termo é tido entre senso comum e senso científico. Em todo o caso, é pressuposto este significado ser definido noutra lugar.

O primeiro senso comum (que é também o sentido primeiro do termo) de interposição destinada a pôr de acordo partes que têm um diferendo, que pressupõe um conflito e comporta uma ideia de conciliação ou de reconciliação, está relativamente pouco presente na

literatura científica das ciências da informação e da comunicação, excepto no caso da questão dos procedimentos de mediação (nas organizações, por exemplo) ou de actividade profissional³.

De facto, o uso mais corrente corresponde ao segundo senso comum (o sentido secundário): o da acção de servir de intermediário ou de ser o que serve de intermediário. É a ideia de que esta acção não estabelece uma simples relação ou uma interacção entre dois termos do mesmo nível, mas que ela é produtora de qualquer coisa de mais, por exemplo de um estado mais satisfatório. Daria um exemplo tirado de *L'Utopie de la communication* [A Utopia da comunicação] (Breton, 1997: 137-139) sobre a "função de mediação" dos média e das técnicas de comunicação: "Eles são concebidos para ajudar os homens a comunicar melhor. Eles são a resposta à consciência aguda que nós temos de uma separação social, de um distanciamento uns dos outros, acompanhado de uma necessidade de aproximação." O papel de intermediário facilitando a comunicação é suposto favorecer a passagem a um estado melhor. Neste contexto, o jornalista que apresente e trate novamente o discurso de outrem (por exemplo o que alguém disse numa entrevista) é um "mediador", que tem a característica de servir de intermediário entre a pessoa e o público e a de, para o fazer, transformar mais ou menos o que pôde dizer aquela (p. 143). Estamos, portanto, face a um reenvio implícito para uma concepção bastante clássica do jornalista como mediador.

Outro exemplo de reenvio implícito: o que é feito em *La Société de connivence* [A Sociedade de conivência] (Beaud, 1984). A utilização do termo é aí, não somente parcimoniosa atendendo ao que poderia deixar supor o subtítulo ("Media, médiations et classes sociales"[Média, mediações e classes sociais]), mas fica pouco definido, excepto quando se trata dos "novos mediadores", "nova camada intelectual" participante no funcionamento dos média (p. 298-313⁴).

O facto marcante deste tipo de emprego é que ele reenvia a um intertexto no qual é suposto o leitor encontrar uma definição da mediação e – temos de acrescentar – é suposto ele conhecê-la. Ora, como vamos ver, um tal intertexto é, por enquanto, bastante restrito.

A necessidade da mediação: um uso operatório

Certos sectores de investigação utilizam a noção de mediação como conceito operatório para designar, descrever ou analisar um processo específico. Daí a presença de propostas de definição, que parecem, contudo, variar consideravelmente de um sector para o outro.

Comecemos por localizar esses diferentes sectores. O primeiro é o que poderíamos chamar a "mediação mediática", para designar o trabalho no interior dos média que, ao contrário da "mediatização", coloca o jornalista em posição de terceiro, de mediador. Este último recebe a sua legitimidade da sua pertença a um campo diferente dos que "mediatizam" a informação ou os objectos com vista da sua promoção. Esta função de mediador implica, evidentemente, um conjunto de procedimentos específicos de escrita ou de *mise en scène*⁵. Este reconhecimento de uma função de mediação por um actor social encontra-se também noutros domínios de investigação, em particular na mediação pedagógica e na mediação cultural.

Na mediação pedagógica, a posição do formador como mediador – que também é uma posição de terceiro – comporta, é certo, uma componente relacional, mas implica também uma regulação das interacções educativas, para que a relação aprendiz-saber seja efectiva e conduza a uma aprendizagem (v.g. Fichez & Combes, 1996). Esta posição de terceiro deverá ser assegurada somente por formadores, ou poderá sê-lo também por dispositivos técnicos fornecidos pelos formadores? Esta questão aparece como

essencial, pois implica, em pano de fundo, a de saber como e até onde esta mediação pode ser objecto de uma industrialização (Moeglin, 1998⁶).

Na mediação cultural, a dupla abordagem pelos mediadores e pela mediação está presente de forma francamente alargada. Mas ela reenvia a dois campos de referência que só parcialmente se recobrem: falar dos mediadores é, geralmente, fazer referência aos profissionais da mediação (por exemplo, museal ou patrimonial, na medida em que este sector profissional é um dos mais desenvolvido); em contrapartida, como veremos de forma mais detalhada no ponto seguinte, a mediação cultural, estética, artística, das culturas, dos saberes, etc., cobre um campo muito mais largo e frequentemente uma abordagem muito mais teórica, que fundamenta as suas referências em teorias como, por exemplo, a do espaço público (Allard-Chanial, 1998), do "terceiro simbolizante" (Da-Lage Py, Debruyne, Vandiedonck, 2002) ou ainda da "tradução" no sentido de Latour (Caillet, 1995b⁷). Notaremos que a mediação dos saberes constitui um domínio quase específico, que reenvia, por um lado à mediação da informação e, por outro, aos aspectos sociais ou semióticos da comunicação (Thomas, 1999; *Recherches en communication* 4, 13⁸).

Eu poderia reunir toda uma série de outros empregos do termo mediação sob a categoria – é certo que um pouco larga, mas suficientemente delimitante – de mediação institucional. Esses empregos reenviam, quer para uma concepção política⁹, quer para uma abordagem sociológica. Quando Mattelard, em *La Communication-monde [A Comunicação-mundo]*, fala das "mediações", o termo refere-se ao processo de construção da hegemonia (do consenso) em Gramsci; e este processo é então abordado através do encontro das culturas, ou então da diversidade e da complexidade culturais (Mattelard, 1999: v.g. 88, 218, 273).

Descobrimos aqui, parece-me, uma ilustração da dimensão política da mediação, à qual havemos de voltar. A abordagem sociológica refere-se sobretudo às mediações sociais, que constituem o principal domínio das mediações institucionais: é geralmente para tratar do "efeito" das novas tecnologias, seja na empresa (Durampart, 1998¹⁰), seja nas redes sociais (Millet-Fourrier, 1998).

Uma última utilização, que se distingue das primeiras, mesmo se lhes está associada, refere-se à análise dos usos das tecnologias. Neste caso, o termo mediação serve para escapar ao duplo determinismo social e técnico: a mediação é técnica "porque o instrumento utilizado estrutura a prática"; e social "porque os móveis, as formas de uso e o sentido acordado à prática se regeneram no corpo social" – precisa por exemplo Josiane Jouët (1993, citada em 1997: 293). A noção de mediação parece, portanto, designar, neste caso, as operações – assim como os seus efeitos – de tecnicização do processo de comunicação (mediação técnica) e, ao mesmo tempo, da intervenção da dimensão subjectiva nas práticas de comunicação (mediação social).

Este reagrupamento dos usos da mediação em cinco categorias tende a deixar pensar que cada domínio de investigação possui o seu próprio uso – ou mesmo a sua própria definição – de mediação. É difícil de dizer o que se passa concretamente, à parte fazer a constatação, sobre a qual regressarei adiante, de que o recurso a esta noção está muito presente em certos sectores e quase totalmente ausente de outros. Por agora, o exame deste corpus exploratório traz, sobretudo, informações sobre a importância do terceiro elemento, cuja presença se confirma ser a marca distintiva da mediação. Se a forma deste elemento varia consideravelmente de um autor para outro, a sua acção, em contrapartida, parece possuir quatro características. (i) Esta acção produz sempre, em maior ou menor grau, um "efeito" sobre o destinatário da comunicação: ele vai

aceder, aprender, passar, etc. Esta acção é, além disso, modalizada: o destinatário é um beneficiário respeitado, valorizado como sujeito, e não instrumentalizado. (ii) O objecto, o actor ou a situação de partida sofrem uma modificação devido à integração num outro contexto. Por exemplo, o objecto técnico posto em contexto de uso funciona de forma diferente da mediação, mesmo se não é transformado enquanto tal. O fenómeno é semelhante para a obra de arte, o saber ou o actor sob a acção de uma mediação. (iii) O operador da acção (o terceiro elemento enquanto mediador) é, certamente, quer acção humana, quer operador objectivado sob forma de dispositivo, quer por vezes ambos; mas, seja como for, há quase sempre polémica sobre a sua forma e a sua natureza. (iv) A acção do elemento terceiro tem sempre um impacto sobre o ambiente (mais frequentemente o ambiente social) no qual ela se situa.

Por conseguinte, o primeiro constato que podemos fazer é que a noção de mediação aparece cada vez que há necessidade de descrever uma acção implicando uma transformação da situação ou do dispositivo comunicacional, e não uma simples interacção entre elementos já constituídos – e ainda menos uma circulação de um elemento de um pólo para outro. Emitirei assim a hipótese de que há recurso à mediação quando há falha ou inadaptação das concepções habituais da comunicação: a comunicação como transferência de informação e a comunicação como interacção entre dois sujeitos sociais. Com este recurso, a origem da acção desloca-se do actuante destinador ou dos inter-actantes para um actuante terceiro: há comunicação pela operação do terceiro. A questão essencial é então a da natureza deste terceiro; as diferenças observáveis são diferenças de forma ou de natureza? É, no fundo, neste ponto que as abordagens parecem divergir.

Para uma definição teórica da mediação?

Vejam os então o que se passa do lado dos autores que propõem uma (ou mais) definições explícitas de mediação. Notaremos, primeiro que tudo, que a vontade de definir a mediação de um ponto de vista teórico (e mesmo científico) é uma tarefa bastante específica do domínio das ciências da informação e da comunicação.

Quatro autores são geralmente citados e constituem uma referência. Dois deles têm mais ou menos como objectivo declarado uma teoria da mediação (Bernard Lamizet e Jean Caune); os outros dois deram, na sua teoria, um lugar de tal forma central à mediação, que foram conduzidos a produzir uma definição e uma abordagem suficientemente precisa e detalhada (Louis Quéré e Antoine Hennion).

É na obra *Les Lieux de la communication* [Os Lugares da comunicação] que encontramos a apresentação que permite apreender com maior clareza o lugar dado à mediação no sistema teórico proposto por Bernard Lamizet (1992¹¹). A aceção dada a esta noção não se apreende sem uma leitura e sem uma abordagem do conjunto deste sistema teórico. É o caso, por exemplo, da relação da mediação com a comunicação, que acompanha uma série de oposições (ou de distinções) entre comunicação intersubjectiva e comunicação mediada (assegurada por um meio de comunicação), espaço simbólico e espaço público, etc.; série que se apoia sobre a distinção entre duas formas de expressão, a palavra que "se enuncia no espaço particular onde vivem e onde se exprimem as pessoas singulares" e "a palavra que se enuncia em nome de, que se enuncia no espaço público. É isto a mediação" (Lamizet, 1992: 184). A definição da mediação como "instância" inscreve-se, assim, numa abordagem meta-teórica, que se constrói entre os pólos da linguagem e do político. É desta forma que as mediações (mediação

simbólica da linguagem, mediações da comunicação no espaço público e mediações institucionais das estratégias sociais) asseguram a dialéctica do singular e do colectivo. Nestas condições, se se perguntar qual pode ser a natureza do terceiro, a resposta conduz-nos, ao mesmo tempo, à reflexividade e à representação¹²: o que parece na origem da ordem do terceiro surge como sendo, com efeito, por um lado, a duplicação do sujeito na sua imagem e, por outro, a duplicação do social na convenção política¹³.

Em *Pour une éthique de la médiation* [Por uma ética da mediação], Jean Caune adopta uma postura que é em todos os pontos oposta à de Bernard Lamizet: para construir o conceito de mediação, ele propõe examinar as três abordagens habituais (ou seja, usos sociopolíticos, abordagens teóricas do termo e práticas sociais que o termo designa). Ele parte dos modos de mediação que caracterizam as políticas culturais francesas desde o início da V República: "mediação pelo contacto" (anos sessenta), fundada sobre a ideia de uma comunhão directa com as obras; "mediação pela expressão" (anos setenta), marcada pelo envolvimento nas práticas artísticas; "mediação por mediatização da arte" (anos oitenta), dando a primazia a uma política de relações públicas e de difusão comercial. É a partir do exame destas modalidades da mediação que esta é definida, no plano técnico, histórico e conceptual, segundo uma perspectiva pragmática, pela co-presença de uma "intencionalidade da pessoa para construir uma relação intersubjectiva", um "suporte expressivo e simbólico" e uma "situação de enunciação", ou seja "um quadro concreto (físico e social)" (Caune, 1999: 210).

Esta abordagem, em que um dos pontos de partida é a consideração da "procura social de mediação", conduz à proposta de "substituir a noção de mediação estética por uma perspectiva ontológica da arte" (p. 214). Do ponto de vista que nos ocupa (i.e. a natureza do terceiro), é necessário olhar, não para o lado do que é

proposto in fine, mas antes do que fundamenta esta concepção da mediação. Ora, encontramos a resposta numa obra anterior (Caune, 1995), onde é explicado que a cultura é mediação ao operar a relação entre uma manifestação, um indivíduo e um mundo de referência (o que dá um outro ponto de vista da definição segundo as três condições acima citadas). Mas, para tal, ela baseia-se na função simbólica, tal como a define Cassirer, enquanto mediação entre nós e o real; assim sendo, "o símbolo abre sobre outra coisa que não ele próprio, pela mediação que realiza, ele abre uma passagem" (Caune, 1995: 70). É esta concepção do símbolo como terceiro (ele parte do concreto para chegar a um significado inacessível) que fundamenta a abordagem do funcionamento da cultura como mediação, sob o modo de uma "permutação circular de três termos: a manifestação considerada com um facto perceptível; o indivíduo que vive ou produz a manifestação; o quadro cultural e social no qual a manifestação toma sentido" (p. 87¹⁴).

É numa obra, já antiga, *Des miroirs équivoques* [Espelhos equívocos], que Louis Quéré, ao criticar as abordagens positivistas da comunicação social caracterizada por uma exclusão da natureza simbólica da interacção social, propõe restituir o "trabalho" social (a operatividade social e simbólica) dos média, a partir da constatação de que "a interacção social é interacção entre sujeitos, mediatizada pelo simbólico" (Quéré, 1982: 29¹⁵). A comunicação social assim entendida implica o accionamento de mediações simbólicas, ou seja, "a produção de uma identidade pela afirmação de uma diferença entre os dois interlocutores" (p. 46). O autor situa-se numa posição intermédia entre a de Bernard Lamizet e a de Jean Caune, dado que ele parte de uma abordagem teórica e meta-teórica, para tentar apreender as mediações simbólicas presentes nos média, ao lado das mediações técnicas. A análise trata, com efeito, da modificação da objectivação da mediação simbólica que intervém na nossa

sociedade¹⁶. Esta objectivação tende doravante a assentar em meios e instrumentos técnicos, estratégias e tecnologias¹⁷. O que coloca, a termo, a questão (levantada a título programático pelo autor na conclusão) das consequências antropológicas da substituição destas "mediações técnicas (máquinas, métodos e procedimentos formalizados, regras de acção estratégica) por mediações simbólicas no domínio da interacção social" (p. 179). Mesmo que deixemos de lado esta questão, assaz delicada, da relação entre mediação simbólica e mediação técnica, temos de reconhecer que a mediação se encontra directamente ligada ao funcionamento simbólico da sociedade, nomeadamente através do conceito do terceiro simbolizante.

Vemos, assim, desenhar-se uma diferença nítida entre os três autores precedentes, quanto à maneira como pensam o terceiro – e portanto a mediação –: o primeiro parte da linguagem e do sujeito; o segundo do processo de instituição da cultura; o terceiro de uma antropologia do espaço público. Em contrapartida, podem-se destacar três constantes. (i) O emprego das mesmas componentes para definir a mediação: a intersubjectividade, a linguagem, o político. (ii) O princípio segundo o qual a comunicação social é um produto da mediação e não o inverso. (iii) E, acrescentaria eu: a mediação constrói-se em torno de um ponto de fuga – chamado exterioridade, neutro, negativo, conforme os casos – que intervém no processo de comunicação sem que aqueles que nele participam possam ter controle sobre ele. É, no fundo, o que designa, sob diversas modalidades, a figura do terceiro que Louis Quéré descreve enquanto terceiro simbolizante.

Debrucemo-nos agora sobre a quarta definição, a de Antoine Hennion em *La Passion musicale* [A Paixão musical] (com o subtítulo: "Une sociologie de la médiation" [Uma sociologia da mediação]). À primeira vista, nenhuma figura do terceiro aparece nessa obra. Isso

deve-se ao facto de se tratar de uma sociologia das mediações, mais do que de um exame da mediação no sentido em que podem entendê-lo os três autores precedentes. Por esta razão, as componentes não são exactamente as mesmas. Não sendo o projecto o de uma abordagem do político ou da cultura a partir da intersubjectividade, da reflexividade, da interacção social conduzindo às representações através da utilização de um dispositivo significativo, a análise estrutura-se em torno de outras componentes: precisamente essas mediações técnicas ou sociais (o instrumento, a partição, o concerto, a gravação) que vêm participar na construção de uma relação, de uma comunicação, entre o público e a música. Não a música em geral, mas tipos de músicas que correspondem a uma forma particular de construir a relação, com modalidades específicas de definir, de utilizar, de articular e de acumular as mediações. A prioridade é, portanto, dada à compreensão dos processos de construção da relação entre a arte e o público.

Mas, o jogo das mediações, mesmo se elas se situam na rede heterogénea dos humanos e dos não-humanos, organiza-se em torno de um ponto de fuga, que se traduz, parece-me, precisamente pela ausência de definição da mediação nesta obra. E, duma certa maneira, a deslocação de uma sociologia da mediação para uma sociologia da entrega¹⁸, em *Les Figures de l'amateur* [Os Rostos do amador], aparece como uma exploração desse ponto de fuga: um exame do facto de que, a partir das mediações, qualquer coisa se passa, produz-se um acontecimento, uma passagem, que não deixa nada como dantes; trata-se, então, de "reconhecer o momento da obra no que ele tem de específico e de irreversível, de a ver como transformação, trabalho produtivo..." (Hennion, 2000: 178). De notar que, chegados a este ponto, já não estamos muito distanciados do que pode ser uma abordagem da mediação estética¹⁹ ...

UMA OUTRA MANEIRA DE PENSAR A COMUNICAÇÃO?

Detenhamo-nos na dupla constatação que acabamos de fazer: a do recurso, cada vez mais presente nas ciências da informação e da comunicação, à noção de mediação; e a da inegável dificuldade com que é confrontado quem quer que intente elaborar uma definição mais exacta desta noção. Isto significa: (i) não considerar esse recurso como um simples procedimento oportunista, mas antes como a marca de uma necessidade para pensar certos objectos e certos domínios (cada vez que está em jogo a dimensão cultural da comunicação), ou ainda para levar a cabo certas abordagens que entendam ter em conta duas, ou mesmo várias, dimensões (social e semiótica, técnica e semiótica, cultura e industrialização, referindo apenas as mais simples); (ii) não considerar também a dificuldade em elaborar uma definição conceptual da noção como uma incapacidade, mas antes como o sinal de um trabalho teórico em curso.

Sob esta condição, a noção de mediação (e não somente o seu emprego por defeito, como uma espécie de "joker" teórico) oferece uma verdadeira oportunidade para as ciências da informação e da comunicação, dado que conduz a colocar duas questões: a de saber se ela pode tornar-se um conceito científico, e a do seu efeito sobre a maneira de pensar a comunicação. É o questionamento assim aberto que justifica, no meu entender, o interesse que lhe podemos atribuir.

A mediação pode fazer outra coisa para além de reenviar à filosofia?

A primeira coisa que interpela na leitura das diversas tentativas visando definir a mediação é a referência quase constante à filosofia, ou mesmo à teologia. Isto prende-se, evidentemente, com o facto de que o segundo sentido de mediação (i.e. o que serve de intermediário) está em parte ligado à dialéctica hegeliana e à teologia cristã: estes são mesmo os dois sistemas de pensamento que fazem uma utilização explícita e desenvolvida desta noção. Contudo, não é tanto à dialéctica hegeliana que se faz habitualmente referência nos escritos das ciências da informação e da comunicação, mas a filósofos como Ernest Cassirer, Paul Ricoeur, Theodor Adorno, Walter Benjamin ou Jürgen Habermas, que, exceptuando Paul Ricoeur, não tratam directamente da mediação enquanto tal²⁰. Quanto à teologia, é certo que a sua concepção da mediação actua como um instrumento de pensamento do funcionamento simbólico na nossa sociedade, mas isso passa-se discretamente. Haverá aqui, incontestavelmente, uma pesquisa a fazer.

O que referi precedentemente sobre as razões do recurso à noção e sobre o que sobressai do exame das definições propostas incita-me a desenvolver a hipótese acima enunciada, segundo a qual essas referências vêm fornecer ferramentas para controlar o ponto de fuga que o emprego da noção de mediação introduz na abordagem da comunicação. A leitura da obra de Franco Crespi, *Médiation symbolique et société* [Mediação simbólica e sociedade], é, neste ponto, da maior utilidade. O autor apresenta de forma clara a relação que as diferentes filosofias mantêm com a mediação simbólica. A razão desta clareza prende-se com o enunciado do postulado antropológico sobre o qual ele baseia a sua definição: "A cultura, enquanto dimensão antropológica, pode ser considerada na ordem do

viver, como o resultado evolutivo da complexidade crescente dos modos de relação e de comunicação intersubjectivos e intermundanos." (Crespi, 1983: 11.) A consequência que daí resulta é uma substituição parcial, no determinismo instintual, de uma mediação simbólica capaz de produzir consenso e de orientar os indivíduos "com vista à constituição de uma ordem social, de um agir coordenado num sistema determinado de relações" (p. 14²¹). Crespi chama "diferença" à oscilação da relação determinado-indeterminado e declara – é o pivot da sua abordagem – que o simbólico é mediação, não porque vise a solução das contradições da diferença segundo um modelo hegeliano, mas porque permanece na oscilação da diferença: a cultura tende, assim, a apagar a diferença para produzir o determinado, mas, ao mesmo tempo, o desvio que constitui a consciência não se recompõe nunca inteiramente na ordem simbólica. Para abordar de uma maneira correcta o problema da diferença, é preciso aceitar, diz ele, "ao mesmo tempo o determinado, ou seja a necessidade de uma ordem simbólica, e o indeterminado, ou seja o limite da mediação" (p. 22).

O interesse desta concepção da mediação é o de contribuir para construir um modelo que permita pensar a natureza dinâmica da mediação, o seu carácter ternário, o seu funcionamento paradoxal, a sua função simbólica. Não que uma tal abordagem nos dê, finalmente, uma verdadeira definição da mediação, mas simplesmente porque ela fornece uma síntese que apreende esta dinâmica, este carácter, este funcionamento, esta função, segundo uma perspectiva antropológica; o mesmo é dizer que ela coloca a questão de um funcionamento antropológico que a noção de mediação serviria para designar.

Uma vez assumida esta questão, resta evidentemente o trabalho científico. Ou melhor: levar a cabo a obrigação de que se deve pensar o estatuto antropológico da mediação num quadro

filosófico atribui um objectivo à construção teórica dos objectos estudados; a saber, o projecto de pensar cientificamente uma questão colocada pela filosofia. Nesta perspectiva, o facto de as diversas proposições de definição da mediação fazerem muitas vezes referência a abordagens que consideram já o seu funcionamento simbólico segundo categorias antropológicas (Marcel Gauchet, Victor Turner, Louis Dumont, Louis Marin, Claude Lefort, Michel de Certeau, etc.) parece-me o sinal de que está efectivamente em prática este projecto. Elas são de facto mobilizadas para pensar os três processos que caracterizam este funcionamento simbólico, para tentar construir respostas às três questões que circulam sob o recurso à noção de mediação: como é que se produz um corpo social a partir de elementos separados (questão da religião e do político, ou seja questão da produção daquilo que liga)? Como se produz linguagem a partir da enformação técnica da matéria (questão da simbolização)? Como se produz instituição a partir da relação e da acção (questão da institucionalização, ou seja da cristalização das práticas em dispositivos).

Por um lado, tocamos portanto em questões de uma extrema generalidade, sobre as quais todas as filosofias mais ou menos se interessaram. Por outro lado, encontramos investigação teórica, análises de terreno, construção de objectos. Podemos assim dizer que a noção de mediação, tal como é utilizada pelas ciências da informação e da comunicação, reenvia de facto para a filosofia, mas do mesmo modo como reenvia para o seu limite (o da impossibilidade de pensar, e ainda menos de tratar, a origem do simbólico), como para um questionamento que releva de uma démarche reflexiva. Em contrapartida, concretamente, enquanto investigador, se eu quiser utilizar o termo mediação enquanto conceito, é-me necessário, primeiro e antes de mais, (i) assumir que esse questionamento pertence à filosofia; (ii) mas procurar a pertinência e a validade da

noção de mediação na investigação em ciências da informação e da comunicação.

Deste ponto de vista, podemos perguntar-nos se as estratégias de não-definição da noção de mediação, ao mesmo tempo que foi necessário "recorrer" a elas, não são de considerar, em benefício de uma prudência científica: trata-se, com efeito, de um recurso para analisar objectos comunicacionais que são simultaneamente dispositivos técnicos, sociais e significantes, não de procurar uma reflexão sobre a mediação e o simbólico: aqui reside a diferença face à abordagem científica e à abordagem filosófica.

Propõe a mediação uma nova maneira de conceber a comunicação?

Uma vez reconhecido o papel de interface da noção de mediação entre um questionamento antropológico e um "recurso" operativo, esse papel não deixa de levantar graves dificuldades. É que esta partilha entre a face filosófica e a face científica significa delegar na filosofia o cuidado de instalar uma perspectiva antropológica que sirva de pano de fundo à definição da mediação – os objectos estudados pelos investigadores não serão, então, puros artefactos, na medida em que, dessa forma, eles vêm inscrever-se numa construção teórica que não tem nada de científico e que obedece a princípios que são, na realidade, os da reflexão, do ensaio, ou mesmo da tomada de posição ideológica? Era exactamente um receio deste tipo que motivava a minha reticência em relação à noção de mediação: ela tem todos os traços de uma interposição entre universo da investigação e universo do ensaio filosófico. Uma partilha cordial entre as duas faces não me parece aceitável e uma estrita repartição parece-me insustentável. Ora, o desenvolvimento do emprego do termo mediação ao longo dos últimos anos mostra de

forma bastante clara a necessidade de uma definição de mediação que não seja apenas um interface, localizado nas ciências da informação e da comunicação, de uma perspectiva antropológica de natureza filosófica. Por outro lado, os trabalhos que atacaram de frente uma definição da noção de mediação, procurando fazer dela um conceito das ciências da informação e da comunicação, provam simultaneamente a possibilidade, o interesse e a necessidade de uma tal definição. Tudo isto exige que a partilha seja abordada de um modo mais dinâmico do que territorial; dito de outra forma, mais em termos de programa, de abordagem, de projecto, do que de corte, de fronteiras, de separação.

Uma das possibilidades reside em mudar o ponto de vista a partir do qual consideramos a perspectiva antropológica. Não tanto procurar a razão final do emprego ou da definição da noção de mediação pelas ciências da informação e da comunicação, como perceber que isso indica que a investigação já está a explorá-la e a construí-la como domínio de conhecimento científico. Para ser claro: afirmar que as ciências da informação e da comunicação já estão a contribuir para uma exploração do funcionamento simbólico da nossa sociedade; e fazê-lo, não a partir de uma meta-teoria desse funcionamento, mas de uma produção de conhecimentos sobre as formas e modalidades desse funcionamento²². Esta posição apresenta a vantagem de situar a pertinência e a validade do conceito de mediação no interior do campo das investigações em ciências da informação e da comunicação.

Com efeito, ao recontextualizar os trabalhos que mencionam a noção de mediação no conjunto dos que tratam efectivamente das formas e modalidades do funcionamento simbólico de um ponto de vista comunicacional, obtém-se um duplo resultado: por um lado, (i) uma redefinição operacional da mediação; e, por outro, (ii) uma re-categorização das teorias da informação e da comunicação de que

esboçarei aqui os aspectos mais marcantes e os mais gerais, retomando os elementos de um trabalho em curso.

(i) Duas definições da comunicação servem actualmente de referência: a primeira, a mais conhecida e aliás a mais criticada, concebe a comunicação como transmissão de informação entre um pólo emissor e um pólo receptor, enquanto que a segunda, convocada quando é questão de tratar de comunicação social e não técnica, concebe-a como interacção entre sujeitos sociais, a relação entre sujeitos tornando-se mais importante do que a informação que circula entre eles. Ora, contrariamente à ideia preconcebida, a sobreposição destas duas concepções da comunicação (modelo da informação e modelo da interacção) não permite apreender conjuntamente o técnico e o social²³, porque falta ainda a dimensão propriamente mediática. O modelo da mediação permite-o, por seu turno, na medida em que a comunicação aparece aí como accionamento dum elemento terceiro que torna possível a troca social, enquanto que os universos da produção e da recepção são a priori disjuntos por natureza²⁴.

A olhar em detalhe, uma genealogia deste modelo mostra que alguns investigadores tentaram explorar esta concepção da comunicação. Podemos, assim, distinguir três filiações teóricas que puseram a tónica, respectivamente, sobre a linguagem, sobre as tecnologias e sobre a cultura enquanto operador de construção (ou, se quisermos, de instituição) dessas condições de possibilidade da troca. Para simplificar, eu diria que a primeira destas filiações é ilustrada pelo estruturalismo semiológico, antropológico ou mesmo sociológico²⁵; a segunda pelos ensaios sobre o papel simbólico da técnica, de um Innis, de um MacLuhan ou de um Debray, e, no lado oposto, pelas investigações empíricas da sociologia dos usos ou das mediações²⁶; a terceira, pelos trabalhos da Escola Frankfurt ou dos teóricos do espaço público, cuja postura crítica marcou tantos

trabalhos e à volta da qual se encontrou um grande número de investigadores trabalhando sobre as "comunicações de massa", sobre as "indústrias da cultura" e sobre a função destas na sociedade.

(ii) O reconhecimento de uma terceira definição da comunicação, longe de tornar caducas as outras duas, leva a considerá-las, não como epistemologicamente concorrentes, mas como produções históricas, que respondem a interesses por uma ou outra dimensão da comunicação. Há, portanto, que prosseguir deste ponto de vista a sua genealogia, diferenciar as filiações teóricas que as constituem e que construíram o seu sucesso²⁷.

Por enquanto, basta notar que o primeiro dos modelos, ao cobrir os três domínios do técnico, mediático e do linguístico da comunicação, tem tendência a fazer crer que já assegura aquilo que propõe o modelo da mediação. Quanto ao segundo, considerando a comunicação como a resultante da interacção entre dois ou vários sujeitos sociais, desenvolve a ideia de que o cultural se refere à aplicação de sistemas significantes na intersubjectividade (mesmo se ela é entendida como interacção entre sujeitos sociais²⁸).

Ao invés, o que o modelo da mediação faz aparecer é menos os elementos (a informação, os sujeitos sociais, a relação, etc.) do que a articulação desses elementos num dispositivo singular (o texto, o média, a cultura). É, no fundo, esta articulação que aparece como o terceiro.

Referências:

- ALLARD-CHANIAL, Laurence (1998) "Médiation esthétique et réseaux de communication: L'exemple de la cinéphilie assistée par ordinateur", Médiations sociales, systèmes d'information et réseaux de communication, Actes du XIe Congrès national des Sciences de l'information et de la communication, Université de Metz, 3-5 déc. 1998, Paris, SFSIC: 249-256
- BEAUD, Paul (1984) La Société de connivence: Media, médiations et classes sociales, Paris, Aubier (Res / Babel).
- BERTEN, André (1999) "Dispositif, médiation, créativité: petite généalogie", Hermès: Cognition, communication, politique, 25: 33-47.
- BRETON, Philippe (1997) L'Utopie de la communication: Le mythe du village planétaire, Paris, Éd. La Découverte (coll. La Découverte/Poche, 29).
- CAILLET, Élisabeth (1995a) À l'approche du musée, la médiation culturelle, Lyon, Presses Universitaires de Lyon (coll. Muséologies).
- CAILLET, Élisabeth (1995b) "L'ambiguïté de la médiation culturelle: entre savoir et présence", Publics & Musées, 6: 53-73.
- CAUNE, Jean (1995) Culture et Communication: Convergences théoriques et lieux de médiation, Grenoble, Presses Universitaires de Grenoble (coll. La communication en plus).
- CAUNE, Jean (1999) Pour une éthique de la médiation: Le Sens des pratiques culturelles, Grenoble, Presses Universitaires de Grenoble (coll. Communication, Médias et Sociétés).
- COMAN, Mihai (2003) Pour une anthropologie des médias, Grenoble, Presses Universitaires de Grenoble.
- CRESPI, Franco (1983) Médiation symbolique et société. Trad de l'italien par l'auteur [Médiazone simbolica e società, 1982,

- Milan: Franco Angeli], Paris, Librairie des Méridiens (coll. Bibliothèque de l'imaginaire).
- CROQUET, Christine [1998] "Les processus de médiation et de médiatisation au cours des campagnes de communication des films", *Études en communication: Techniques d'expression, information, communication*: 83-95.
- DA-LAGE PY, Émilie; DEBRUYNE, François; VANDIEDONCK, David (2002) "La recherche du sens", *Les recherches en information et communication et leur perspectives: Histoire, objet, pouvoir, méthode*, Actes du XIIe Congrès national des Sciences de l'information et de la communication, Palais du Pharo, Marseille, 7-9 oct. 2002, Paris, SFSIC: 477-482
- DAVALLON, Jean (1988) "Exposition scientifique, espace et ostension", *Protée* 16(3), sept. 1988, Chicoutimi, Université du Québec à Chicoutimi: 5-16. Repris p. 87-103 dans *L'exposition à l'œuvre: Stratégies de communication et médiation symbolique*, Paris, Éd. de L'Harmattan (coll. Communication).
- DAVALLON, Jean (1993) "Lecture stratégique, lecture symbolique du fait social: Enjeu d'une politologie historique", *Politique de la mémoire: La commémoration de la Révolution française / sous la dir. de Jean Davallon, Philippe Dujardin, Gérard Sabatier*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon.
- DAVALLON, Jean (1999a) *L'exposition à l'œuvre: Stratégies de communication et médiation symbolique*, Paris, Éd. de L'Harmattan (coll. Communication).
- DAVALLON, Jean (1999b) "Communication politique et images au XVIIe siècle", *Médiation et Information (MEI)*, 10: 129-160.
- DAVALLON, Jean (2002) "Réflexions sur la notion de médiation muséale", *L'Art contemporain et son exposition* (1). Paris: Éd. de L'Harmattan: 41-61.

- DAVALLON, Jean [à par]*, "Objet concret, objet scientifique, objet de recherche". Hermès: Cognition, communication, politique. * 2004. Hermès, 38: 30-37 –Trad. port.: 2006. Prisma.Com - Revista de Ciências da Informação e da Comunicação do CETAC, 2: 33-48 (NT).
- DAVALLON, Jean; LE MAREC, Joëlle, BROCHU, Danielle (2000) "Le sens commun des SIC: multiculturalisme ou intégration?", La Lettre d'Inforcom, 58: 12-15.
- DELIEGE, Isabelle (2000) "Les conceptions de la communication dans la médiation comme mode de traitement des conflits", Recherches en communication, 13: 77-100.
- DUBIED, Annick (2001) "Emprunts, adaptations, négociations et réflexions. Travaux interdisciplinaires autour de la mise au point d'une narratologie médiatique", Émergences et continuité dans les recherches en information et communication, Actes du XIIe Congrès national des sciences de l'information et de la communication, Unesco (Paris), 10-13 janvier 2001, Paris, SFSIC: 149-156.
- DUFRENE, Bernadette; GELLEREAU, Michèle (2001) "La médiation culturelle, métaphore ou concept? Propositions de repères", Émergences et continuité dans les recherches en information et communication, Actes du XIIe Congrès national des sciences de l'information et de la communication, Unesco (Paris), 10-13 janvier 2001, Paris, SFSIC: 233-240.
- DURAMPART, Michel (1998) "La gestion contre la mission: Médiations technologiques dans le secteur sanitaire et médico-social", Médiations sociales, systèmes d'information et réseaux de communication, Actes du XIe Congrès national des Sciences de l'information et de la communication, Université de Metz, 3-5 déc. 1998, Paris, SFSIC : 419-434.

- DUVERNAY, Daphné (2002) "Une approche communicationnelle d'un dispositif d'apprentissage collaboratif à distance", Les recherches en information et communication et leur perspectives: Histoire, objet, pouvoir, méthode, Actes du Actes du XIIe Congrès national des Sciences de l'information et de la communication, Palais du Pharo, Marseille, 7-9 oct. 2002, Paris, SFSIC: 403-408.
- FICHEZ, Élisabeth; COMBES, Yolande (1996) "Dispositifs techniques et médiations dans le processus de formation", Information, Communication et Technique: Regard sur la diversité des enjeux. Actes du Xe Congrès national des sciences de l'information et de la communication, 14-16 nov. 1996, Paris, SFSIC, 449-460.
- FLORIS, Bernard (1995) "La médiation dans les rapports sociaux". Réseaux: Communication, technologie, société, 69, janv.-févr. 1995: 141-156.
- GELLEREAU, Michèle [1998]. "Dispositif télévisuel et médiations: une étude de documentaires et de reportages consacrés à des gens ordinaires". Études en communication: Techniques d'expression, information, communication: 97-108.
- GELLEREAU, Michèle. [2000]. Médiation des cultures. Actes des journées d'étude, Université de Lille 3, 26-27 mars 1999, Lille, Université de Lille 3 (coll. Travaux et Recherches).
- GUILLAUME-HOFNUNG, Michèle (1995) La Médiation, Paris, Presses Universitaires de France (coll. Que sais-je?, 2930).
- HENNION, Antoine (1993a) "Histoire de l'art: leçons sur la médiation. Réseaux: Communication, technologie, société, 60: 9-38.
- HENNION, Antoine (1993b) La Passion musicale: Une sociologie de la médiation, Paris, Métailié.
- HENNION, Antoine; MAISONNEUVE, Sophie; GOMART, Émilie (2000) Figures l'amateur: Formes, objets, pratiques de l'amour de la

musique aujourd'hui, Paris, La Documentation française/Ministère de la Culture et de la Communication (coll. Questions de culture).

IHADJADENE, Madjid; CHAUDIRON, Stéphane (2001) "La recherche et la diffusion d'information sur Internet: vers de nouvelles médiations?", Émergences et continuité dans les recherches en information et communication, Actes du XIIe Congrès national des sciences de l'information et de la communication, Unesco (Paris), 10-13 janvier 2001, Paris, SFSIC: 163-171.

JACOBI, Daniel; NEVEU Erik (1996) "Médiation et technique: l'emprise des relations indirectes", rapport introductif Atelier 1 Médiation et technique, Information, Communication et Technique: Regard sur la diversité des enjeux, Actes du Xe Congrès national des Sciences de l'information et de la communication, Institut de la communication et des médias, Université de Grenoble 3, 14-16 nov. 1996, Paris, SFSIC: 3-11.

JOUËT, Josiane (1993a) "Pratiques de communication et figures de la médiation". Réseaux: Communication, technologie, société, 90: 71-84. Repris sous le titre "Pratiques de communication et figures de la médiation: Des médias de masse aux technologies de communication", Sociologie de la communication / sous la direction de Paul Beaud, Patrice Flichy, Dominique Pasquier, Louis Quéré, Paris, Réseaux/CENT: 291-312.

JOUËT, Josiane (1993b) "Usages et pratiques de nouveaux outils de la communication", Dictionnaire critique de la communication / sous la dir. de Lucien Sfez, Paris, Presses Universitaires de France (coll. "Grands dictionnaires").

LAMIZET, Bernard (1992) Les Lieux de la communication, Bruxelles, Pierre Mardaga (coll. Philosophie et langage).

LAMIZET, Bernard (1998) La Médiation politique, Paris, Éd. de L'Harmattan (coll. Champs visuels).

- LAMIZET, Bernard (1999) *La Médiation culturelle*, Paris, Éd. de L'Harmattan (collection Communication).
- LAMIZET, Bernard; SILEM, Ahmed (1997) *Dictionnaire encyclopédique des sciences de l'information et de la communication*, Paris, Éd. Ellipse.
- LARDELLIER, Pascal (2003) *Théorie du lien rituel*, Paris, Éd. de L'Harmattan (coll. Communication).
- LATOURE, Bruno (1990) "Quand les anges deviennent de bien mauvais messagers". *Terrain: Carnet du patrimoine ethnologique*, 14: 76-91.
- LATOURE, Bruno (1993) *La Clé de Berlin: Et autres leçons d'un amateur de sciences*, Paris, Éd. La Découverte.
- LETURCO, Sandrine (1999) *Les Médiateurs en bibliothèque*, Lyon, École nationale supérieure des sciences de l'information et des bibliothèques.
- LONEUX, Catherine (1998) "Pénétration dans les médiations sociales des codes de déontologie et d'éthique en matière de publicité et de marketing", *Médiations sociales, systèmes d'information et réseaux de communication*, Actes du XIe Congrès national des Sciences de l'information et de la communication, Université de Metz, 3-5 déc. 1998, Paris, SFSIC: 435-445.
- MALLEIN, Philippe; TOUSSAINT, Yves (1992) "Diffusion, médiation, usages des TIC". *Culture technique*, 24: 219-226.
- MARTIN-BARBERO, Jesús (1997) *Des médias aux médiations: Communication, culture, hégémonie*. Trad de l'esp. Par G. Durand [De los medios a las mediaciones: Comunicación, cultura y hegemonia, 1re éd., Barcelone: Jesús Martín-Barbero/Gustavo Gili, 1987], Paris, Éd. CNRS (coll. CNRS Communication).

- MATTELARD, Armand (1999) *La Communication-monde: Histoire des idées et des stratégies*, Paris, Éd. La Découverte (coll. La Découverte/Poche, 80).
- MILLET-FOURRIER, Christelle (1998) "Stratégies politique vs initiatives locales: télétravail et médiations sociales en Ardèche", *Médiations sociales, systèmes d'information et réseaux de communication*, Actes du XIe Congrès national des Sciences de l'information et de la communication, Université de Metz, 3-5 déc. 1998, Paris, SFSIC: 181-189.
- MOEGLIN, Pierre (1998) "Au cœur des recompositions industrielles de la formation, la question de la médiation", *Médiations sociales, systèmes d'information et réseaux de communication*, Actes du XIe Congrès national des Sciences de l'information et de la communication, Université de Metz, 3-5 déc. 1998, Paris, SFSIC: 275-281.
- NATALI, Jean-Paul; RASSE, Paul (1998) "Nouvelles technologies, nouvelles formes de médiation dans les musées de sciences", *Médiations sociales, systèmes d'information et réseaux de communication*, Actes du XIe Congrès national des Sciences de l'information et de la communication, Université de Metz, 3-5 déc. 1998, Paris, SFSIC: 3-13.
- NEVEU, Erik; Rémy RIEFFEL (1991) "Les effets de réalité des sciences de l'information et de la communication". *Réseaux: Communication, technologie, société*, 50: 11-39.
- PROULX, Serge (1994) "Les différentes problématiques de l'usage et de l'utilisateur", *Médias et nouvelles technologies: Pour une sociopolitique des usages / sous la direction d'André Vitalis*. Paris: Éd. Apogée (coll."Médias et nouvelles technologies"):149-159.
- QUERE, Louis (1982) *Des miroirs équivoques: Aux origines de la communication moderne*, Paris, Aubier (Res /Babel).

- QUERE, Louis (1989) "Communication sociale: les effets d'un changement de paradigme". Réseaux: Communication, technologie, société, 34, mars,: 19-48.
- QUERE, Louis (1991) "D'un modèle épistémologique de la communication à un modèle praxéologique". Réseaux: Communication, technologie, société, 46-47, mars-juin: 69-90.
- RANCIERE, Jacques (1994) La Culture des gens. Actes du séminaire d'Aix-en-Provence, 24 octobre 1992, Espace des Deux-Ormes/Direction régionale des Affaires culturelles.
- RASSE, Paul (2000) "La médiation, entre idéal théorique et application pratique". Recherches en communication, 13: 61-75.
- Recherches en communication, 4, La médiation des savoirs, Louvain-La Neuve, Université catholique de Louvain, 1995.
- Recherches en communication, 13, Médiation et régulation sociale, Louvain-La Neuve, Université catholique de Louvain, 2000.
- Réseaux: Communication, technologie, société, 60, juill.-août, Les médiation, Paris, Réseaux CNET.
- RICŒUR, Paul (1983) Temps et Récit: t. 1 L'intrigue et le récit historique, Paris, Éd. du Seuil (coll. Points, 227).
- ROUGET, Bernard; Sagot-Duvaurox (1996) Économie des arts plastiques: Une analyse de la médiation culturelle, Paris, Éd. de l'Harmattan (coll. Champs visuels).
- SERRES-PALSON, Emmanuelle. [2000]"Les nouveaux espaces communicationnels des musées. Médiation culturelle et NTIC en contexte muséal", Médiation des cultures / sous la direction de Michèle Gellereau. Université de Lille 3, Lille, Université de Lille 3 (coll. Travaux et Recherches): 37-48.
- SFEZ, Lucien; COUTLEE, Gilles; MUSSO, Pierre (sous la direction de) (1990) Technologies et Symboliques de la communication, Presses Universitaires de Grenoble.

SOULEZ, Guillaume (1998) ""Ils sont là, je ne les vois pas, je leur parle": La présentation est-elle une nouvelle médiation?", Médiations sociales, systèmes d'information et réseaux de communication, Actes du XIe Congrès national des Sciences de l'information et de la communication, Université de Metz, 3-5 déc. 1998, Paris, SFSIC: 231-238.

THOMAS, Fabienne (1999) "Dispositifs narratif et argumentatif: quel intérêt pour la médiation des savoirs?". Hermès: Cognition, communication, politique, 25: 219-232.

TURNER, Victor (1990) Le Phénomène rituel: Structure et anti-structure. Trad. par G. Guillet [Ritual Process: Structure and anti-Structure. 1re éd. Chicago: Aldine (1969. 2e éd. New York: Cornell University Press, 1977)], Paris, Presses Universitaires de France (coll. Ethnologies).

NOTAS

¹ A primeira decisão inscrevia-se num quadro teórico visando abordar o processo simbólico presente em qualquer média (ver, por exemplo, Davallon, 1993, 1999b), contra a tese da dessimbolização da nossa sociedade. A segunda, no projecto de estudar o próprio funcionamento da dimensão simbólica do media e o jogo entre o dentro e o fora do dispositivo (o que chamei, na introdução de *L'Exposition à l'œuvre* [A exposição em construção*], a pragmática do dispositivo). Esta utilização do conceito de mediação inscreve-se assim no seguimento da primeira, em oposição a semiotização, comunicação ou estratégia (v.g. Davallon, 1993, 1999b). *Todos os títulos mencionados ao longo do texto serão reproduzidos no original e traduzidos entre parêntesis rectos.

² A primeira população examinada é constituída pelas comunicações nos quatro últimos congressos da SFSIC [Sociedade Francesa de Ciências da Informação e da Comunicação]. As outras obras retidas (actas, obras colectivas, revistas ou obras individuais) foram-no sem nenhum critério de sistematicidade, mas antes de acordo com as leituras requeridas à pesquisa ou ao ensino. Ou seja, trata-se de uma investigação puramente exploratória. Temos de precisar, todavia, que a marcação dos diferentes sentidos faz aparecer uma relativa saturação do corpus (o número das formas de utilização parece relativamente limitado, dado que poucas apareceram quando seguimos das últimas actas para as mais antigas) e, como vamos ver, uma concentração do uso do termo nas obras que utilizam de forma explícita esta noção. De notar também que os exemplos citados neste texto não visam de forma alguma dar conta do conjunto das ocorrências. Eles têm apenas valor de exemplificação do propósito.

³ Um caso interessante desta utilização é a referência feita a este significado para definir os mediadores do livro (Leturcq, 1999). O autor precisa que, neste caso, não há conflito; podemos contudo observar a este propósito que uma ideia de ruptura, de desfasamento, fica sempre presente na retaguarda de todas as definições da mediação.

⁴ Cabe ao leitor (mas nada o convida directamente) partir da hipótese de que é na medida em que os média são abordados como técnicas simbólicas (p. 289sq), que eles participam em processos de mediação. Podemos (talvez) então ir até interpretar as últimas palavras da conclusão como dando uma concepção da mediação social operada pelos média: "Os média são hoje, como ontem a escola, um dos lugares essenciais onde o poder social concretiza, pela palavra, pelo símbolo, a sua própria definição do social, que ele explicita: por seu intermédio, o conhecimento que a sociedade se dá dela própria é-lhe devolvido, a representação retorna-lhe e torna-se parte da realidade, ela contribui para a transformar." (p. 333).

⁵ Ver, por exemplo, Christine Croquet sobre a crítica de cinema (1998) ou Guillaume Soulez sobre a apresentação televisiva como mediação (1998). O artigo da primeira faz referência a Neveu e Rieffel (1991) para uma abordagem do jornalista como mediador. É, aliás, a esta abordagem que Breton (1997) faz, provavelmente, referência. Podemos também considerar que esta mediação propõe, assim, um encontro entre dois mundos, contribuindo dessa forma à elaboração comum de representações (Gellereau, 1998: 99), mas ela então aproxima-se preferentemente de uma concepção da mediação cultural. É necessário mencionar aqui a teoria do discurso mediático, que utiliza o termo mediação, mas no sentido que lhe dá Ricœur (v.g. Dubied, 2001).

⁶ A oposição entre a mediação pelo jornalista e a mediatização não deixa de evocar a que existe entre a mediação pedagógica humana e a mediatização técnica dos conhecimentos, a qual caracteriza a industrialização destas últimas. A um outro nível (i.e. segundo uma abordagem fazendo referência a Hennion), os dispositivos serão apreendidos como "mediações dispositivas" (Duvernay, 2002). De notar que existe uma importante literatura sobre a dimensão propriamente educativa da mediação pedagógica em ciências da educação, que não foi aqui considerada.

⁷ Encontramos, na realidade, nesta autora as duas acepções: *À l'approche du musée, la médiation culturelle* [Na abordagem do museu, a mediação cultural] (Caillet, 1995a) acentua a dimensão prática e o mediador, em que a mediação é o que realiza o mediador (ela é assim concebida como uma "passagem" entre dois universos, um "acompanhamento" do visitante, afim de o fazer aceder às obras ou ao saber apresentados no museu, centro de arte ou sítio patrimonial). No artigo (1995b), não se trata de pôr em relação um visitante e a obra, de fazer de intermediário entre dois pólos, mas da passagem de um nível a um nível superior, que supõe ao mesmo tempo uma deslocalização e uma criação de qualquer coisa de novo, implicando a produção de uma situação nova (posições dos actores, objectos, discursos, etc.).

⁸ Lembremos o sentido que os economistas da cultura dão ao termo de mediação cultural: uma "construção de notoriedade, que se aplica ao resultado inicial da criação e o transforma num produto mercantil" (Rouget & Sagot-Duvaurox, 1996: 13).

⁹ Podemos também colocar nesta categoria o emprego do termo como "mediação de cidadania" (Natali & Rasse, 1998) que designa, de facto, uma dimensão da mediação cultural.

¹⁰ O autor introduz, por exemplo, uma distinção entre mediação tecnológica e mediação técnica, para abordar a dimensão organizacional. Bernard Floris discutiu a noção de mediação social num artigo sobre o qual regressarei mais à frente (Floris, 1995). Outro exemplo, que trata da gestão dos conflitos: Delière (2000).

¹¹ Pode-se consultar também o artigo "Médiation" [Mediação] na obra de Lamizet & Silem (1997), que propõe uma síntese da noção que começa da seguinte maneira: "Instância que assegura, na comunicação e na vida social, a articulação do sujeito e da sua singularidade, e a dimensão colectiva da sociabilidade e do laço social".

¹² O terceiro é o que deve ser representado na comunicação intersubjectiva. Esta representação, cuja forma mais simples é a dos pronomes pessoais no espaço da comunicação intersubjectiva, pode também permitir, sob a sua forma institucional, a convenção à qual aderem os sujeitos, explica o autor. Logo, a "comunicação social tem por objecto pensar a dialéctica entre o sistema social e os sujeitos que comunicam pela mediação do uso do simbólico nas relações sociais" (p. 212).

¹³ Mas, no fim de contas, se analisarmos a montagem que vai da duplicação do sujeito (com a referência ao estádio do espelho de Lacan) à convenção (o *foedus*, ao mesmo tempo contrato, adesão e fundação), é a linguagem que parece servir de matriz – ela é o "neutro da comunicação" (p. 9) – reenviando toda a forma de socialidade a uma sociabilidade (a ligação é política, porque convencional); uma sociabilidade cujo modelo é uma intersubjectividade, que tem o seu fundamento na representação do sujeito. A consequência é, no meu entender, uma (um risco de) extinção – para não dizer de forclusão, para ficar na metáfora psicanalítica – do social e da materialidade dos média no que eles podem ter de estruturante. Trata-se de uma consequência que é devida ao cruzamento do postulado da imanência herdada da linguística e da emergência da consciência por especularidade.

¹⁴ O que se segue, para além da proximidade quanto ao lugar do simbólico, exigiria uma comparação precisa com a tese de Bernard Lamizet: "O fenómeno cultural só pode ser compreendido através desse movimento circular, no qual se conjugam uma manifestação concreta, que vale como expressão; uma sociedade, que se exterioriza sob uma forma simbólica; e um indivíduo, que é exprimido. É, de facto, pelo fenómeno expressivo que o indivíduo constrói a sua identidade no campo cultural. A manifestação só ganha significado através de um certo número de circunstâncias, que constituem o contexto cultural, na qual [sic] ela se desenvolve. Através da manifestação vivida pelo indivíduo, uma sociedade exprime-se simbolicamente. Podemos falar de funcionamento ternário da cultura precisamente porque a relação entre dois dos três termos (manifestação, indivíduo, sociedade) não pode ser compreendida sem a presença e o intermédio do terceiro." (Caune, 1995: 87-88.)

¹⁵ Uma nota precisa que o termo "interacção" é entendido no sentido de G.H. Mead. Quatro características da mediação social permitem apreender a sua singularidade. (i) Esta comunicação social baseia-se na reflexividade inerente à troca social. (ii) A forma social desta reflexividade traduz-se pelo facto de o reconhecimento recíproco fazer intervir um acordo. Quando determinados indivíduos acedem a uma compreensão recíproca, eles produzem um acordo que faz surgir uma comunidade intersubjectiva. (iii) A troca supõe um processo de representação (objectiva-se num exterior) sob a forma de um terceiro simbolizante, ou seja "o pólo exterior de um

neutro, que, não sendo nem (por) um, nem (por) outro, e ocupando uma posição de referência possível para um e para outro, os conjuga nas suas diferenças" (p. 33). Este (cf. p. 39-40) é composto por modelos culturais (regras de enunciação, jogos de papéis, normas de acções, esquemas de percepção e de classificação, dispositivos de objectivação) e por garantias metasociais da reflexividade (acto paradoxal de distanciação de uma relação social num exterior onde ela se vê: dispositivos de memorização dos conhecimentos e das experiências, discurso normativo e interpretativo sobre o social). (iv) Esta objectivação faz-se por meio de dispositivos de mediação historicamente definidos – entre os quais os médias, "que asseguram, na sociedade moderna, a gestão do terceiro simbolizante, próprio de uma sociedade «histórica»." (p. 42-43).

¹⁶ Por "objectivação da mediação simbólica" deve-se entender "projectão de uma alteridade", "a constituição de um lugar outro que marque uma exterioridade do social a si próprio", ou seja de um espaço público (dito ainda de outra forma, de um dispositivo de mediação simbólica). "A identidade e o laço social são, assim, correlativos de um processo de distanciação da sociedade a si própria, através do qual ela se torna visível aos seus membros." (p. 84-85.)

¹⁷ O processo de objectivação da mediação simbólica já não se realiza sob o modo da opinião pública, mas sob o da cientificidade, ele "assenta, assim, doravante em três suportes: meios e instrumentos técnicos (os do audiovisual, por exemplo); estratégias, cujo sucesso depende do domínio de regras de escolha racional e de um saber analítico que permita previsões condicionais; e tecnologias, isto é, fórmulas que definam as maneiras de proceder no quadro de uma acção racional em relação a um determinado fim, seja em que domínio for." (p. 108.)

¹⁸ No original: "sociologie de l'addiction" – o autor (A. Hennion) refere-se à paixão musical, à adesão inquestionada a um género ou um produto musical (NT).

¹⁹ A música "é uma procissão de objectos, mas não é nenhum deles; ela é instrumentos, partições, gestos e corpos, cenas e média – todos necessários, mas cada um insuficiente para que ela surja no meio deles. Por vezes, desta junção, qualquer coisa pode acontecer. O intérprete sabe melhor que ninguém, logo que põe uma partição no seu púlpito, o equívoco do objecto em música – ele toca música, é certo; mas, da mesma maneira, é o próprio facto de tocar que é a música, esta não é o "complemento de objecto" de uma acção que lhe seria externa, instrumental. A questão de fundo que a mediação coloca está aqui: ao contrário de uma causa ou de um efeito, ela não se separa do seu objecto. As mediações em arte têm um estatuto pragmático, elas são a arte que elas fazem aparecer, elas não se distinguem do gosto que suscitam: é a este título que elas podem servir de apoio a uma análise positiva dos gostos, e não à sua incansável desconstrução." (Hennion, Maisonneuve & Gomart, 2000: 178-9.) A outra maneira de distinguir a relação da sociologia da mediação de uma abordagem da mediação é a de a aproximar do que afirma Bruno Latour (1990) em "Quand les anges deviennent de bien mauvais messagers" [Quando os anjos se tornam maus mensageiros].

²⁰ É conveniente, ainda, precisar que a mediação possui em Ricœur um significado muito exacto: a mediação entre tempo e discurso, que se baseia na mediação operada pela elaboração da intriga, que intervém ela própria sobre a mediação simbólica, no sentido de Cassirer (Ricœur, 1983: 105-130).

²¹ Apesar de Crespi fazer referência a Vattimo e não a Turner, a maneira como ele descreve a forma como a mediação simbólica é tomada nesta *oscilação* da relação

determinado-indeterminado não deixa de lembrar a justaposição-alternância entre estrutura e *communitas* de Victor Turner (1990).

²² Terá ficado esclarecido: a originalidade desta contribuição para uma antropologia cultural da sociedade contemporânea parece-me basear-se na consideração da dimensão material, técnica, económica, semiótica (em suma, a dimensão *mediática*) dos objectos comunicacionais (Davallon, a publicar*). Dito doutra forma, do que Louis Quéré tinha deixado de lado na sua abordagem: "[as] formas e [o] diapositivo empíricos de objectivação da mediação simbólica" (Quéré, 1982: 178). Esta nova abordagem antropológica da comunicação é, aliás, abertamente reivindicada por outros autores (ver, por exemplo, Coman, 2003; Lardellier, 2003). É, em meu entender, nesta direcção que poderá construir-se uma mediologia que responda a uma finalidade científica e não ensaísta ou filosófica. *2004. *Hermès*, 38: 30-37 – Trad. port.: 2006. *Prisma.Com - Revista de Ciências da Informação e da Comunicação do CETAC*, 2: 33-48 (NT).

²³ Por exemplo, a sociologia dos usos debate-se com as dificuldades que levanta uma tal concepção.

²⁴ Este modelo faz aparecer toda a ilusão que reside no facto de pensar que basta "pôr em relação" produtores e receptores através de objectos significantes para que haja comunicação.

²⁵ Deste ponto de vista, seria provavelmente necessário regressar aos trabalhos semiológicos de um Barthes ou de um Baudrillard (sem esquecer a dimensão crítica dos seus trabalhos), ou ainda ao estruturalismo de um Lévi-Strauss; e ao que, sob outro ângulo, um tanto restritivo e encantatório, predomina actualmente com o que chamamos "pós-modernismo".

²⁶ Às quais é necessário acrescentar abordagens pouco conhecidas em França, como a proposta por Jesús Martín-Barbero em *Des médias aux médiations* [Dos média às mediações] (1997).

²⁷ Por exemplo, sabemos-lo, modelo matemático e teoria dos sistemas para o modelo da informação; mas também eficácia social dos média e dimensão comunicacional da linguagem para o modelo da comunicação; pragmática da comunicação e sociologia da interacção para o segundo, que deu este conjunto que Yves Winkin propôs reagrupar sob a designação genérica de "antropologia da comunicação".

²⁸ Notemos ainda que é, por exemplo, deste modelo que se liberta Goffman, quando propõe uma abordagem a partir dos rituais e dos quadros.